

Bartomeu Melià
Jesuíta, Lingüista e Antropólogo: *Os Guarani como*
Compromisso de Vida.

Maria Isabel Malinowski
Selma Baptista
UFPR

Bartomeu Melià nasceu em Porreres, Mallorca, Espanha, em 1932. Sacerdote jesuíta, a partir de sua tese de doutoramento em teologia, intitulada *La Création d'un Langage Chrétien dans les Reductions des Guarani au Paraguay*, de 1969, começou a estudar os Guarani. Já havia estado no Paraguai desde 1954, quando iniciou o estudo da língua guarani e cultura paraguaia, que lhe foi muito útil depois para sua pesquisa de doutorado. Voltou a este país como colaborador de Leon Cadogan, como professor de Cultura Guarani na Universidade Católica de Asunción (Paraguay), como diretor do CEADUC – *Centro de Estudios Antropológicos* – e como editor das Revistas *Acción*, *Suplemento Antropológico* e *Estudios Paraguayos*. Esteve exilado no Brasil, por motivos políticos, e nesta ocasião esteve com os Enawené Nawé, do Rio Juruena, em Mato Grosso, e continuou estudos sobre os Guarani, sobretudo nas áreas de etno-história, lingüística e antropologia aplicada. A entrevista aconteceu no dia 22 de maio de 2003, nas dependências do ISEHF (Instituto Superior de Estudios Humanísticos y Filosóficos), Instituição de Ensino Superior da Companhia de Jesus no Paraguai, com sede em Assunção.

Campos: O campo antropológico no Paraguai suscita muitas indagações em si mesmo e na totalidade das suas relações com o país, portanto, tendo a oportunidade de estar com o senhor, que é uma personalidade central nesta configuração intelectual, gostaríamos de começar esta entrevista, primeiramente, perguntando sobre a sua formação. Como aconteceu, no âmbito da sua vida religiosa, o encontro entre a lingüística e a antropologia?

Melià: Vou tentar ser sintético e detalhado ao mesmo tempo. Precisamente no ano de 1969, eu apresentava na Universidade de Estrasburgo minha tese de doutoramento, cujo tema era a criação de uma linguagem cristã nas reduções ou povos guarani. Ali eu abordava a questão da transformação da língua nativa, ao mesmo tempo em que a cultura se transformava, com a ação das missões jesuíticas.

Campos: Uma reflexão sobre a influência missionária entre os indígenas a partir de um estudo lingüístico.

Melià: Sim. As missões jesuíticas foram um projeto cultural bastante autônomo que resultou numa experiência religiosa e política que alguns pensadores como Muratori e Voltaire consideraram utópica, assim como também Chateaubriand. Mas isto já havia sido visto assim pelos próprios jesuítas como Antonio Ruiz de Montoya, Nicolau Del Techo, Francisco Charque. O padre José Manuel Peramás, num ensaio de 1793, compara os Povos dos Guaranis das Missões com a República de Platão.

Campos: Sua preocupação foi, então, buscar indícios lingüísticos e culturais decorrentes do processo de catequização?

Melià: Isso mesmo. Eu me perguntava como poderia ter sido a religião dos guarani antes, ou, no momento da experiência de conversão. E, neste caso, nós somos privilegiados. Por exemplo, nós não temos Tupinambá para visitar, embora freqüentemente ainda encontremos tribos Tupi não contatadas. Aqui no Paraguai nós temos Guarani que não teriam passado pela experiência da colonização de forma tão profunda. Pelo menos há uns trinta ou quarenta anos. Curiosamente, estes índios do Paraguai, embora vestidos como camponeses, conservaram muito das suas tradições. Então, estas questões ficaram na minha mente até quando eu voltei ao Paraguai. Imaginei que, um dia, seria interessante ouvir os próprios Gurani falarem sobre sua religião. De fato, naquela época já existiam alguns escritos sobre esses Guarani. As obras de Curt Nimuendajú, de Leon Cadogan e Egon Schaden. Mas eu queria chegar até eles.

Campos: O senhor teve contato com estas obras naquela época?

Melià: Naturalmente. Mas já conhecia muitos outros escritos também. Eu sabia de outros autores, desde governadores do Paraguai, funcionários da Coroa e da Igreja, os próprios missionários com suas crônicas e cartas e, até alguns visitantes. Nesta lista estavam incluídos também os antropólogos e os próprios indígenas, seus informantes, que produziram uma visão séria e confiável. Estes não podiam ser esquecidos. Bem, quando voltei ao Paraguai, trazia esta idéia na cabeça: ir para o mato para comprovar o quanto ainda existia da religião guarani.

Campos: O senhor fala desta volta... Quando havia estado no Paraguai anteriormente, e como foi esta experiência?

Melià: De 1954 a 1958. Depois estive fora, completando os estudos, de 1958 a 1969. Mas nestes 11 anos, até a apresentação da minha tese, sempre mantive o interesse pela questão guarani. Eu me orientava, sobretudo, pelo estudo da língua. A Antropologia não me parecia, então, tão necessário, embora na França eu já tivesse

começado a interessar-me por ela. Eram os tempos do estruturalismo e fiquei fascinado pela obra de Lévi-Strauss. Quando voltei, visitei o senhor Cadogan, com quem havia mantido uma relação epistolar. Na época ele estava com 70 anos. Para mim ele era uma pessoa muito respeitável e grande, um grande pesquisador. Estou percebendo agora que eu também estou com 70 anos...(risos). Acho que é justo dizer que houve entre nós uma espécie de simpatia, amor à primeira vista! Ele era teimoso... e tinha suas manhas. Um dia me disse: "... preparei uma viagem para você, vai se encontrar com meu filho Bob, que o acompanhará até uma aldeia". Naquela ocasião fiquei três dias com os Mbyá-Guarani. Ele ficou um pouco admirado porque a gente decidiu ficar lá e foi aceito. É claro que eu estava contagiado por aquele entusiasmo de novinho, muito afoito, com uma paixão extraordinária. Mas, de fato, nunca fiz Antropologia Guarani. Apenas algumas observações etnográficas. Isso é o que eu critico em muitos antropólogos, que são etnólogos sem serem etnógrafos. Isso tem acontecido comigo. Só fiz um pouco de etnografia no começo, como aparece no pequeno artigo "*Aportes para una recopilación de textos de los Chiripá*" (publicado no Suplemento Antropológico, VIII, 1-2, Asunción 1972:p.75-84).

Campos: Mais ou menos como Lévi-Strauss?

Melià: Não, ao contrário! Eu estive em campo para não escrever! Bem, desde 1969 eu ia a campo regularmente, mas ficava períodos curtos, observava, convivia, nunca fiz pesquisa propriamente dita. Somente a partir de 1972 comecei um trabalho com vistas a um projeto na linha de uma Antropologia aplicada.

Campos: O senhor poderia aprofundar esta questão da Antropologia aplicada?

Melià: Tratava-se de um trabalho que abordava os problemas que os Pãi Tavyterã tinham na época. Neste trabalho eu estava com um grande antropólogo, a quem respeito muito. É o Dr. Grünberg. Neste momento está na Nicarágua, mas já estive na Guatemala. Ele é um antropólogo de profissão, muito criativo e, ao mesmo tempo, muito tradicional na sua metodologia, quero dizer, é muito sério. Ele é muito mais jovem do que eu. Seu doutorado foi sobre os Kayabi, do Brasil. Ele conhecia bastante este mundo guarani e no Paraguai trabalhou sobretudo no Chaco. Naquele tempo, nos anos 70, estavam no Chaco os padres missionários alemães. Grünberg escreveu um trabalho muito moderado, que o próprio Bispo aceitou. Mas quando foi publicado, levantou alguma poeira, especialmente porque os missionários mais antigos sentiram que era uma crítica injusta contra a sua prática da missão. Este trabalho, "*Los Chiriguano – Guarani occidentales – del Chaco Central Paraguayo. Fundamentos para una planificación de su desarrollo comunitario*", foi publicado no *Suplemento Antropológico* 9, Asunción, 1975:5-109. Primeiro tinha sido uma publicação separada.

Campos: E como foi desenvolvido o trabalho de vocês?

Melià: Fomos juntos fazer uma visita aos Pai. Ele começou a apoiar este grupo, e, para isso, ficou um ano vivendo com eles, junto com sua esposa e filho. Os indígenas chamavam seu filho de *ka'itĩ*, o macaquinho branco. Eu fiquei períodos espaçados. De fato, eu conhecia um pouco melhor a língua, ficava períodos curtos e fazia diversas pesquisas. Grünberg se ocupava com problemas de terra, saúde, vendo como podia orientar, como conseguir as terras. Eu e sua mulher ficávamos pesquisando religião e língua. Este trabalho ficou registrado em algumas cartilhas de educação que foram feitas lá nos anos 75 e 76. Foi um projeto muito importante que se prolongou por vários anos. Através dele se conseguiu assegurar terras para quase 30 comunidades. Com George Grünberg e sua mulher Friedl, elaboramos o longo artigo *“Los Pái Tavyterã. Etnografía Guarani del Paraguay Contemporâneo”*, publicado no Suplemento Antropológico, XI, 1-2, Asunción, 1976: 151-298.

Campos: Como foi o período em que o senhor viveu no Brasil?

Melià: Eu saí do Paraguai e fui para o Brasil devido a uma informação que enviaram a Roma dizendo que eu pertencia ao Partido Comunista da linha de Moscou... poderia ter sido da linha chinesa, ou cubana... mas eu era de Moscou ! (risos) Além disso, dizia-se que eu estava apoiando o programa de Miguel Chase-Sardi, o Projeto Marandú. O que também não era politicamente aconselhável naquele momento. Chase-Sardi e eu fomos amigos até a última hora, embora ele sempre tenha tido um pouco de reserva comigo. Ele era muito expansivo e generoso nas suas expressões, às vezes me deixava envergonhado. Dizia que eu tinha dado à Igreja Católica um rumo mais crítico quanto ao trabalho com os índios. Ele publicava isso com grande exagero. De todos modos eu penso que para ele “aquele Melià não era de todo confiável...” De fato eu nunca trabalhei no Projeto Marandú e sempre mantive reservas a este respeito.

Bem, voltando à sua pergunta, estive no seu país durante 13 anos. Construí várias relações profissionais. O que me ajudou bastante foi o fato de que no Brasil as pessoas sempre foram muito abertas e acolhedoras comigo. Estive no Mato Grosso, com os Enawené-Nawé quando acabavam de ser contatados. Depois com os Kaingang, no Rio Grande do Sul.

Campos: Quais trabalhos o senhor fez com eles?

Melià: Com os Kaingang foi um fracasso, um pouco pela indefinição do meu trabalho, pois eu era oficialmente o Coordenador da Pastoral Indígena, portanto, minha entrada lá sempre esteve marcada por este fato. Tentei aprender a língua deles e não consegui. Além disso, houve uma guerra lá, morreram 5 pessoas e a situação

interna deles interrompeu o processo de aprendizagem da língua. Desta experiência escrevi um livrinho, para que se pudesse ajudar a compreender o mundo indígena no Rio Grande do Sul: *O índio no Rio Grande do Sul (Quem foi, quem é, o que espera)*, texto preparado pela Coordenação de Pastoral Indígena Interdiocesano Norte, RS., Frederico Westphalen, 1984, 31 páginas. Minha intenção era ressaltar que os padres precisam atender e entender essa população, que é tida como tão marginal. Mais especificamente, *atendê-los*. Se o indígena vem pedir batismo, é bom batizá-lo. Eu mesmo realizei alguns batismos, mas procurando que fossem registrados com seu nome indígena. Estas pessoas merecem uma sincera atenção.

Campos: Então sua atuação foi mais no sentido religioso.

Melià: Sim, mas nesta mesma época eu dava cursos de Antropologia Cultural no mestrado de Missiologia. Isso acontecia a cada dois anos, na Faculdade de Teologia de Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Naquela época era a única na América Latina, e seu diretor, Paulo Suess, era muito criativo.

Campos: Como eram seus cursos?

Melià: Eu não sou antropólogo, mas penso que meus cursos eram aceitáveis. Já nos anos 76/77, fui professor convidado na USP. Neste período tive como ouvintes o Egon Schaden, que comparecia a todas as aulas. Ele sempre estava lá. Teimo em dizer que nos últimos anos de sua vida eu era mais próximo dele do que muitos dos seus colegas paulistanos. Estavam também a Lux Vidal, Thekla Hartmann, Regina Müller, Dominique Gallois, Sonia Müller, que trabalhava com arte. Nesta época conheci Manuela Carneiro da Cunha, Beto Ricardo, do CEDI, hoje ISA, e os lingüistas Aryon Dal'Ígna Rodrigues e Erasmo Magalhães. Eu falava sobre os Guarani, a partir da minha experiência. Em Campinas também.

Campos: O senhor teve muitos orientandos no Brasil?

Melià: Não muitos. Lamentavelmente não me lembro de quantos, uns 7 ou 8, talvez um pouco mais. De fato, naquele curso de Missiologia eu era via de regra o segundo orientador; não estava o tempo todo lá.

Campos: Voltando à questão da sua formação e falando do seu relacionamento com a Antropologia, nesta época, com toda esta experiência o senhor ainda não se considerava um antropólogo?

Melià: Não, e hoje ainda menos.

Campos: E como é que o senhor se considera, então, mais lingüista?

Melià: Também não. Não tenho formação técnica em lingüística.

Campos: Levando em consideração sua tese de doutoramento, seria mais um teólogo?

Melià: Ainda menos! Para a Teologia Clássica, minha tese é um campo marginal.

Campos: Então como classificar Melià?

Melià: Não sei ! (risos) Eu sou bastante autodidata e independente. Ou seja, meu trabalho de lingüística sobre os Guarani são coisas que ninguém faz. Se você não tem a quem ouvir, tem que ser autodidata. Meus mestres, afinal, tem sido os índios e os que falam a língua guarani. Mas a parte técnica está me faltando. Isto não quer dizer que não tenho feito leituras sistemáticas e dedicado bastante tempo às obras que publiquei.

Campos: Gostaríamos que o senhor aprofundasse este tema da Antropologia no Paraguai. Em alguns textos o senhor diz que no Paraguai haveria uma influência do próprio pensamento indígena na concepção desta Antropologia. Como seria isso?

Melià: Sim, exatamente. Acho que isso é interessante. Nós aqui no Paraguai estamos um pouco fora das rotas de comunicação acadêmica. Falamos do que temos, do que escutamos aqui, mas não estamos em condições iguais de pesquisa. De todo modo, está aí a biblioteca... é um diálogo possível. Esta, de que disponho, é talvez, neste campo, a melhor do Paraguai. As folhas do mato são também folhas de livros. Mas não me sinto capaz de manter discussões teóricas abrangentes. Minha produção é muito mais simples. Apresento dados que podem servir para outros pesquisadores.

Campos: Então isso seria o que o senhor chama de “influência do pensamento indígena”?

Melià: Não, não propriamente. Sobre esta questão acho que nós temos dois grandes modelos: um é o Curt Nimuendajú, e o outro, Leon Cadogan. Eles não fizeram uma Antropologia, vamos dizer, no esquema de Julian Steward. Fizeram uma antropologia a partir do que escutaram, na medida em que ordenaram o que escutaram, com algumas reflexões sobre a palavra indígena. Ou seja, não é simplesmente um relato, uma crônica de viagem na qual se conta o que aconteceu dia a dia, se mataram um *mborevi* e comeram... não se trata somente disso. Mas muitas vezes os dados estão um tanto desordenados.

Campos: E como o senhor interpreta isso?

Melià: Eu entendo que o que eles fizeram foi escutar os índios. Fizeram uma espécie de tradução do pensamento indígena para nós. Acho que escrevi alguma coisa neste sentido. O pensamento indígena informando o pensamento guarani de Leon Cadogan.

Campos: O senhor também citou Branislava Susnik como outro exemplo de pesquisadora. Como se colocaria o trabalho dela nestas circunstâncias paraguaias e comparativas?

Melià: A Etno-História no Paraguai vinha sendo feita pela Dr^a. Susnik. Ela foi uma grande pesquisadora, mas seu estilo era muito duro. Acho que isso acontecia porque ela não tinha paciência para deixar as coisas claras. Ela também teve uma concepção muito criativa, não obedecia a escolas. Ela mesma era sua “escola”. Eu tenho problemas para ler os trabalhos dela. Ironicamente, a Susnik escrevia, mas não se preocupava que os outros a compreendessem. São dois modelos muito distintos. Tão distintos que não se davam bem entre si, e acabaram brigando intelectualmente...No artigo “*Antropólogos y Antropología em el Paraguay*” deixei algumas das minhas opiniões sobre os autores paraguaios, publicado pela Revista Horizonte, do Rio Grande do Sul.

Campos:: Como o senhor caracterizaria o trabalho dela, seria mais científico?

Melià: Eu não sei. Aparentemente, sim. Digo aparentemente porque há muita dificuldade de compreensão. Cadogan é mais legível. Não é verdade que ele nem sabia escrever em espanhol, que ele não sabia nada de antropologia. Ele não teve formação acadêmica, era autodidata, mas lia muito, recebia revistas de vários países, mantinha correspondência com grandes pesquisadores. Sua amizade com Egon Schaden foi decisiva.

Campos: O senhor acha que o modelo de Cadogan teve continuadores no Paraguai?

Melià: Não. Porque embora Cadogan fosse autodidata, tinha uma grande formação básica. Sua modéstia não lhe permitia dizer que aos vinte anos sabia falar inglês, alemão, guarani e espanhol – e tinha estudado francês. Além disso, falava o português. Hoje em dia é difícil encontrar pesquisadores, mesmo com formação universitária, que tenham esta base. Sua capacidade de ouvir e a fidelidade da transcrição é o melhor em Cadogan.

Campos: Então podemos concluir que a influência do pensamento guarani se deu mais no caso da obra de Cadogan?

Melià: Só nele, e no caso de Nimuendaju. Esta é a minha maneira de ver. Deste modo, estes pesquisadores puderam desvendar o fundamento da cultura guarani, que é a religião. Além disso, as obras menores de Cadogan tratam de outros temas que também são muito importantes porque contém dados valiosos. Mas a grande experiência ficou registrada no *Ayvu Rapyta*, de 1954. Hoje é um clássico da literatura e da antropologia do século XX.

Além disso, ele sabia comparar as coisas e estabelecer relações entre a realidade do povo guarani e do povo paraguaio. Por exemplo, a pequena obra que acaba de ser publicada, *Tradiciones guaraníes em el folklore*

paraguayo, é uma compilação dos escritos da primeira época dele. Antes de morrer o Schaden me disse: “Melià, vou te dar este manuscrito do Cadogan que nunca foi publicado”. De fato, os textos já haviam sido publicados sob a forma de pequenos artigos em diversas revistas. Mas Egon Schaden colaborou na sua reorganização e eu colaborei na elaboração de apêndices que possuem extensas informações complementares. O Schaden sempre incentivou o Cadogan. Dizia a ele: “Cadogan, deixa essa coisa folclórica, dá lugar a esta criação que você tem aí.” Este livro tem uma introdução muito bonita que começa dizendo “... de pretensões literárias carecem estas páginas, pois deve ser apenas a pluma de um autodidata que assimilou, num rincão distante do Paraguai, simultaneamente com o inglês, a língua da terra e lendo posteriormente um pouco de alemão e em francês, aprendeu o castelhano em jornais e revistas”. Cadogan era muito irônico, como que dizendo: “eu sou um simples autodidata que sei inglês, a língua da terra, alemão, francês, etc...” Assim, nas primeiras linhas já ficamos sabendo que dominava cinco línguas. Isso é muito próprio do Cadogan! Poucos paraguaios, e talvez poucos brasileiros podem dizer isso. Foi assim que um “pobre autodidata” apareceu por aí e revolucionou o pensamento etnológico sobre os Guarani.

Campos: Quem publicou este livro de Cadogan?

Melià: O CEPAG (Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch). Também publicou o *Gua'í Rataypy* (1998). É o primeiro volume deste manuscrito, que trata mais especificamente do folclore paraguaio. Veio depois o segundo: *Tradiciones guaraníes en el folklore paraguayo* (2003).

Campos: Existe uma Antropologia Paraguaia ou uma Antropologia Guarani?

Melià: Eu acho que mais do que uma Antropologia Paraguaia há uma Antropologia Guarani. No Paraguai nós temos dois campos principais de pesquisa etnográfica: os guarani, e os índios da região do Chaco. Fora o Chase-Sardi, quase não tem paraguaio que tenha pesquisado o Chaco. Lá estiveram sobre tudo alguns alemães, os menonitas, e os missionários com trabalhos lingüísticos.

Campos: E como se justificaria esta situação?

Melià: Pela falta de tradição e de recursos para a pesquisa. Como dizia Leon Cadogan, a pesquisa antropológica é uma atividade que não traz mandioca para a mesa...

Campos: Este motivo econômico também justificaria a inexistência de um curso regular, acadêmico, de Antropologia no Paraguai?

Melià: Bem, eu acho que esta questão tem a ver com os problemas das universidades no Paraguai, que são

muito sérios. Os cursos que exigem uma dedicação exclusiva dos alunos, por exemplo, medicina, odontologia, são raros. A maior parte dos cursos, mesmo para alunos que possuem melhores condições econômicas, são noturnos. E assim não dá para fazer Antropologia.

Campos: Esta situação explicaria o aparecimento do Curso de Antropologia “à distância”?

Melià: Bom, este curso tem sido um relativo fracasso. Com 13 ou 14 anos poucos concluíram o mestrado. Existem problemas sérios. Um curso à distância, que exige respostas regulares por escrito, se faz difícil no Paraguai onde a expressão escrita não é habitual. Alguém atribuiu isso a uma suposta limitação que viria da tradição oral guarani, mas para mim é mais uma questão de investimento de tempo, e pensar que antropologia é também uma profissão séria. Por outra parte, a falta de uma comunidade antropológica, acadêmica e visível, dificulta o nascimento da disciplina. Aquela crítica de que o antropólogo vem, faz o seu trabalho solitário e volta para a sua universidade é bastante pertinente.

Campos: Mas o senhor também esteve envolvido com a criação de um curso de Antropologia na Católica, não?

Melià: Não... propriamente não. Uma vez se falou sobre isso, mas seriamente, não. Acho, sinceramente, que não se pode fazer Antropologia se não houver dedicação constante e sistemática.

Campos: O senhor acha que esta situação tem favorecido o surgimento de uma Antropologia mais pragmática, de uma maior atuação junto às comunidades indígenas?

Melià: Geralmente são as Ongs que fazem isso, e elas também publicam alguma coisa sobre seus trabalhos. E agora, graças ao prêmio de etnografia *Susnik*, promovido pelo CEADUC (Centro de Estúdios Antropológicos de la Universidad Católica) e o *Museo Etnográfico Andrés Barbero*, têm aparecido alguns trabalhos interessantes. Além disso, eu mesmo dei aulas em um curso de mestrado em Sociologia, na Universidade Nacional. Soube que alguns fizeram trabalhos sobre os Guarani, às vezes orientados pelo diretor do curso, Ramón Fogel, que já publicou estudos interessantes sobre os Guarani. De fato, onde melhor se pode ver a Antropologia que se faz aqui no Paraguai é na Revista do CEADUC; aí são publicados anualmente os trabalhos vencedores do prêmio *Susnik*. Como candidato para este ano, está, por exemplo, este trabalho aqui, de um amigo, Antonio Caballos, de Granada, Espanha, *Los animales em el Ayvu Rapyta de Leon Cadogan*. Elabora a relação que os Mbyá possuem com os animais. São 190 animais e a lista se ordena conforme o uso mágico, a mitologia e outros aspectos, sempre desde a perspectiva guarani. Ele está perto dos 65 anos e está fazendo seu doutorado. Conhece muito bem os Guarani e sua língua. Juntos trabalhamos a nova edição de Antonio Ruiz de Montoya,

Vocabulário de la lengua guarani (1640), que saiu ano passado (2002) pelo CEADUC, e tem 408 páginas. A Graciela Chamorro acaba de me enviar um livro em alemão, que recolhe temas de suas obras anteriores. Os Guarani, acho que escrevi isso em algum lugar, possuem uma especificidade que faz deles uma das sociedades mais modernas da América. Isso faz com que eles tornem-se um tipo de “índio simpático”, utópico, memória de futuro. Um índio assim tipo Paulo Coelho... ainda bem que ele ainda não chegou lá ! No dia em que isso acontecer, certamente sairá outro romance de grande tiragem! (risos)

Campos: O senhor poderia ser mais específico quanto a este sentido de “modernidade” que atribui aos guarani?

Melià: No sentido de sugerir uma espécie de “memória de futuro”. Pela poesia de seus cantos sagrados, mas também pelas metáforas de seus relatos míticos. O conceito de “terra-sem-mal”, embora difícil de compreender, e talvez por isso mesmo, chama a atenção de sociólogos, historiadores e teólogos; não é paraíso no céu, é a festa na terra, onde a economia da reciprocidade de mãos abertas uns para os outros é a matriz de uma nova ordem de um novo modo de ser. A palavra dos guarani quase sempre nos leva à utopia que já teve lugar. Como os jesuítas, muitos intelectuais se sentem interpelados pela palavra e a filosofia guarani de sustentabilidade ecológica, de moderação no consumo, de alegria de viver em um mundo trabalhado sem estresse. Está também aquilo de serem os Guarani uma sociedade sem estado e que continua apesar do Estado – Clastres dizia uma “sociedade contra o Estado”. Na crise atual de sistemas os Guarani fascinam pela sua ingenuidade, sua bondade, sua resistência, sua verdade tão direta. O que não quer dizer que não passem também eles pela crise de um tempo novo. Talvez se possa dizer que são idealistas pragmáticos.

Campos: Em geral diz-se que camponês é camponês e guarani é guarani. Como se faz esta distinção?

Melià: É verdade, são duas culturas diferentes. Mas no geral usam a mesma língua. Palavras tão comuns como, por exemplo, *karai*, *mburuvicha*, *tenondota*, e mesmo *tupã*, de fato têm sentidos muito diferentes entre os *Mbyá*, os *Kaiowá* ou *Ñandeva* e os paraguaios. Cultura e sistema lingüístico se diferenciam enormemente. Mesmo verbos tão usados como comer e caminhar fazem parte de relações culturais diversas. São dois universos semânticos. É impossível entender os Guarani sem passar por um processo de interculturalidade, que exige escutar, escutar muito, dialogar e geralmente aceitar a palavra e a proposta do guarani como melhor que a nossa.

Campos: Gostaríamos de fazer uma brincadeira com o senhor... Pensando numa genealogia da tradição antropológica no Paraguai, poderíamos imaginar Cadogan ao lado de Branislava Susnik, e vários descendentes... Chase-Sardi, Bartomeu Melià, e quem mais? O senhor não teria, por acaso, uma irmã? Ou irmão?

Melià: Não, acho que não. Eu sinto a falta.

Campos: Por exemplo, estamos pensando que Chase-Sardi poderia ser meio “híbrido”, isto é, meio Cadogan, meio Susnik... que tal?

Melià: Chase-Sardi não é filho de Cadogan! Eles sempre tiveram atritos. O Cadogan fazia muitas reservas a seu respeito...

Campos: Então Cadogan teve só um “filho”, Bartomeu Melià?

Melià: Quase é verdade... Chase-Sardi era um homem muito afetivo, e muito bom, aberto. Mas seguir pelo caminho dele também não era fácil. Nos últimos anos era muito amigo da Susnik. Mas é interessante notar que o livro que eles publicaram juntos, *Índios del Paraguay*, apresenta dois estilos distintos, não apenas em termos literários, mas na maneira de pensar a realidade, completamente diferentes. É claro que cada um trata de uma época diferente, mas não é isso que determina a diferença, é o modo de ser e de pensar.

Campos: E Branislava Susnik, não deixou “descendentes”?

Melià: Não, eu acho que a Susnik não deixou herdeiros porque ela era autoritária intelectualmente. Durante anos ela preparou uma menina alemã, que depois ficou doente e desapareceu do campo da Antropologia. Houve um tempo em que surgiu aí um personagem, José Antonio Perasso, que começou com a Susnik, e depois fundou o *Museo Guido Boggiani*. Ele era muito amigo da gente também. Mas teve uma morte muito prematura, estava com 40 anos.

Campos: E Adelina Pussineri, poderia ser uma descendente da Dr^a. Susnik?

Melià: Adelina é uma compiladora e conservadora, assim como eu sou de Leon Cadogan. Ela é muito sensata e vai publicando os trabalhos da Susnik. Ela é excelente como conservadora do *Museo Andrés Barbero* que, em outras mãos, já teria se espalhado. Ela é muito aberta, muito dedicada à literatura etnológica paraguaia, que conhece muito bem. Nós conversamos pelo telefone com muita freqüência e ela sempre me dá informações muito pertinentes. Eu sei que está fazendo serviços de consultoria para as pessoas que vão lá. A Biblioteca fica à disposição, ela orienta as pesquisas.

Campos: E o senhor Félix de Guaranía, como se encaixaria neste esquema?

Melià: Ele é mais poeta, e faz trabalho de lingüística.

Campos: E Tício Escobar?

Melià: No campo da antropologia ele é autodidata também. De fato seu trabalho etnográfico com os índios do Chaco é notável. Seu livro *La maldición de Nemur: acerca del arte, el mito y el ritual de los indígenas Ishir del*

gran Chaco paraguayo (1999), além da etnografia é também uma obra de arte literária e visual. Também formou um bom Museu, o *Museo del Barro*, de arte popular e indígena. Bom crítico de arte, é amigo de artistas e sua obra, *La belleza de los otros* (1993), tem contribuído para a revalorização da arte indígena e popular.

Campos: Que outros nomes poderiam ser acrescentados a esta lista de produtores de Antropologia?

Melià: Tem também o Guillermo Sequera, conhecido como Mito Sequera. Ele é musicólogo, formado na França. Formada nos Estados Unidos de América esta Marilín Rehnfeld, que esteve trabalhando com Chase-Sardi no Projeto Marandú. Mais recentes temos o Roberto Aquino, o Jorge Servín, que se formaram no México. Também esteve aqui um religioso que, depois, deixou de ser padre, Wayne Robbins, australiano, que também estudou os guarani e agora está no México. O argentino Miguel Alberto Bartolomé, professor em Cuernavaca, recolhe sua experiência com os Guaraní de Alto Paraná. Anteriormente estiveram aqui os Clastres. O Pierre Clastres, o brilhante Clastres, foi na sua etnografia e dados lingüísticos, um grande plagiador de Leon Cadogan. A base etnográfica dele é o Cadogan. Isso vocês podem ler na minha Introdução da obra *O Guaraní: uma bibliografia etnológica*. Agora estou fazendo uma atualização deste livro. Estou elaborando um novo balanço dos trabalhos dos pesquisadores sobre Etnologia Guarani; trabalhos mais contemporâneos, depois de 1987 (Agora o artigo já apareceu em *Revista de Indias*, Madrid, 2004).

Campos: Encerrando esta entrevista, depois dos nossos sinceros agradecimentos, e considerando sua posição no campo intelectual paraguaio, gostaríamos de pedir-lhe, além de um fecho à entrevista, um balanço geral das suas principais obras publicadas sobre os Guarani, tanto em etno-história, quanto em lingüística e Antropologia Aplicada.

Melià: Não sendo paraguaio, acho-me na situação de ter que inventar cada dia o meu Paraguai. Minha pesquisa é pois invenção, em três campos principais: a etnografia guarani, a etno-história e a lingüística. Tive a sorte de ter estado em vários lugares muito apropriados para a pesquisa de fontes e literatura antiga e moderna: a própria Biblioteca Nacional de Estrasburgo e a de Chantilly, na França, o Instituto Ibero Americano de Berlim e o Arquivo e Biblioteca dos jesuítas, em Roma. E consultas mais curtas no Rio de Janeiro e Buenos Aires, assim como em Madrid e Londres. Mas sempre levei muito a sério a palavra dos Guarani: não é esnobismo quando digo que foram eles que me viraram a cabeça: a longa e repetida vivência nas suas casas, caminhando com eles pelo mato – mato que, aliás, não existe mais –, dançando, maracá na mão, nos rituais ordinários e extraordinários, como os de furação do lábio. Uma semana na aldeia guarani ensina muito mais que dias e

meses na universidade. Os meus trabalhos intentam recolher essas experiências, embora não falem delas. As perguntas vêm do mato, a argumentação passa às vezes pela biblioteca e a conversa com autores vários. Os missionários jesuítas, lidos como colegas e amigos, não como hipócritas e sonegadores da verdade, me ajudaram também a entender histórias. O que escrevo nem sempre obedece a um plano prévio, mas à demanda da situação concreta e o que penso é oportuno. Boa parte dos trabalhos de lingüística tem a ver com a crítica situação da língua guarani no Paraguai atual. A etnografia guarani responde quase sempre a questões de Antropologia aplicada: como entender o sistema de reciprocidade e seu futuro? Qual o papel dos pajés e xamãs na atualidade? A palavra inspirada é fundamento filosófico ainda para nós? Tem sentido a escola entre os índios? Mesmo as traduções de textos antigos e as edições desses textos fazem parte do Paraguai, da sua identidade, de seu futuro. Nestes últimos anos esses trabalhos de filologia ocupam boa parte de meu tempo. Acredito que começam a aparecer pessoas que valorizam este tipo de trabalho e o seguem. Mas mesmo que não ficasse nada de todo o escrito, não foi em vão ter escutado os Guarani e vivido horas de alegria e esperança com eles.

OBRAS DE BARTOMEU MELIÀ:

- 1969 *La création d'un langage chrétien dans les Réductions des Guarani au Paraguay*. Thèse pour le doctorat en sciences religieuses. 2 vols. Université de Strasbourg (tesis; mimeogr.). 231 pp. y LII + 71 pp.
- 1974 y PLA, Josefina: *Bilingüismo y tercera lengua en el Paraguay*. Asunción: Universidad Católica. (Reimpresión de los artículos de *Estudios Paraguayos*, II, 2 (diciembre, 1974): 31-82).
- 1975 y GRÜNBERG, F (editores.). *Ñe'ë renda. Ñande Pa'i Tavyterã ñande Paraguáiipe*. Libro de alfabetización para adultos Pañ. Pedro Juan Caballero (Paraguay): Proyecto Pañ Tavyterã.
- 1976 y GRÜNBERG, Georg y Friedl. «Los Pa'i Tavyterã; etnografía guaraní del Paraguay contemporáneo». *Suplemento Antropológico*, XI, 1-2: 151-295.
- 1979 *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo: Ed. Loyola. 94 pp.
- 1986 *El Guaraní conquistado y reducido. Ensayos de etnohistoria*. Biblioteca Paraguaya de Antropología, vol. 5. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica. 303 pp. (3ª edición, 1993).
- 1987 y SAUL, Marcos V. de A., y MURARO, Valmir F. *O Guarani: Uma bibliografia etnológica*. Santo Angelo: Fundames - Fundação Nacional próMemória. 448 pp.
- 1991 a *El Guaraní: experiencia religiosa*. Asunción: Ediciones CEPAG. 126 pp.
- 1991 b *"El encubrimiento de América", Razón y Fe* 1.108 (Madrid, febrero): 159-167.
- 1992 a L. Farré y A. Pérez. *El guaraní a su alcance; un método para aprender la lengua guaraní del Paraguay*. Asunción: Cepag. 250 p.

- 1992 c "Das Wort ist alles - Die Guarani hören die christliche Verkündigung", In Bruno Schlegelberger y Mariano Delgado (orgs.). *Ihre Armut macht uns reich. Zur Geschichte und Gegenwart des Christentums in Lateinamerika*. Berlin: Morus Verlag; Hildesheim, Bernward Verlag: 110-124.
- 1992 d *La lengua guaraní del Paraguay: historia, sociedad y literatura*. Madrid: Editorial Mapfre. 340 p, ilus.
- 1992 e "Egon Schaden: um nome na etnologia guarani", *Revista da USP*, 13: 74-77.
- 1993 a *Arte de la lengua guaraní, 1640* por Antonio Ruiz de Montoya. Edición facsimilar con introducción y notas por B. Melià. Asunción: CEPAG, 308 pp.
- 1995 a *Elogio de la lengua guaraní; contextos para una educación bilingüe en el Paraguay*. Asunción: CEPAG. 198 p., ilus.
- 1995 b y Liane Maria Nagel. *Guaraníes y jesuitas en tiempo de las Misiones; una bibliografía didáctica*. Asunción (Paraguay): CEPAG/Santo Ângelo (Brasil) Universidad Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões, 1995. 308 p.
- 1996 a Antonio Ruiz de Montoya. *Apología en defensa de la doctrina cristiana escrita en lengua guaraní*. Introducción, edición y notas por Bartomeu Melià, S.J. Lima - Perú, CAAAP/ESPFL "Antonio Ruiz de Montoya"; Asunción, CEPAG. 120 p.
- 1996 b "Potirõ: las formas del trabajo entre los Guarani antiguos, reducidos y modernos", *Revista Complutense de Historia de América*, 22. Madrid: UCM: 183-208.
- 1997 a *El Paraguay inventado*. Asunción: Cepag, 134 p.
- 1997 b *Pueblos indígenas en el Paraguay. Demografía histórica y análisis de los resultados del Censo Nacional de Población y Viviendas, 1992*. Asunción: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos; Fondo de las Naciones Unidas para Actividades de Población. 412 p., ilus. gráficos, cuadros y mapas.
- 1997 c "Evaluation of the Impacts of the Hidrovia Paraguay-Paraná on Indigenous Communities", In *The Hidrovia Paraguay-Paraná Navigation Project Reprt of an Independent Review*. July 1997. Washington: EDF Publications, Environmental Defense Fund, 1997: 193-210.
- 1997 f *El Paraguay inventado*. Asunción: Cepag, 1997. 134 p.
- 1997 j "Aprender guaraní, ¿para qué?". In *Ñane ñe'ë Paraguái: Paraguay bilingüe: Políticas lingüísticas y educación bilingüe*. Asunción: Fundación En Alianza: MEC: 59-64.
- 1997 k "Mito y educación", *Estudos Leopoldenses*; série Educação, vol. 1, nº 1. UNISINOS, julho/Dezembro: 27-34.
- 1997 l "Planificació i antropologia lingüístiques al Paraguai: Entrevista a Bartomeu Melià", por Emili Boix Fuster, *Treballs de Sociolingüística Catalana*, 13. Barcelona: 149-160.
- 1997 m "Antropólogos y antropología en el Paraguay", *Horizontes Antropológicos*, n. 7: 24-35.
- 1999 b "Sociedades fluviales y selvícolas del Este: Paraguay y Paraná", In UNESCO, *Historia general de América*

- Latina*, vol. I: *Las sociedades originarias*. Directora del volumen: Teresa Rojas Rabiela; Codirector: John V. Murra. París: Ediciones Unesco, Editorial Trotta. p. 535-551.
- 1999 c “Palabra vista, dicho que no se oye”, In L.E. López e I. Jung (Comps.), *Sobre las huellas de la voz; Sociolingüística de la oralidad y la escritura en su relación con la educación*, Madrid: Edic. Morata; PROEIB-Andes; DSE. p. 23-38.
- 1999 d *Fútbol guaraní; de la prehistoria a la historia*, *Acción*, nº 194, junio: 20-22.
- 1999 l “El guaraní que nos une y el que nos desune”, *Cuadernos Hispanoamericanos*, julio-agosto, p. 121-133.
- 1999 m “León Cadogan y la lengua guaraní”, *Suplemento Antropológico*, XXXIV, 2. diciembre, p. 157-180.
- 2000 e “Y al final, ¿qué es un campesino paraguayo?”, In *Acción*, nº 202, abril, p. 21-24.
- 2000 k “El Chaco vendido y revendido”, *Acción*, nº 209, noviembre, p. 28-30.
- 2000 m “José de Anchieta, etnógrafo de la antropofagia”, *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra*, p. 201-220.
- 2001 g “El silencio de las lenguas”, *Ultima Hora, Correo Semanal*, 12 mayo.
- 2001 l “Y marane’ÿ rekávo En busca del agua sin mal”, *Ultima Hora, Correo Semanal*, 28 julio, p.9.
- 2002 b “Identidad Paraguaya en movimiento”. In Edgar Montiel y Beatriz Bosio (ed.) *Pensar la mundialización desde el sur. Anales del IV encuentro del corredor de las ideas Vol. 1*. Asunción: CIDSEP- UNESCO. pág. 85-91.
- 2002 e “Manuscritos guaraníes: reveladores documentos en el Archivo Nacional de Asunción”, In *Ultima Hora, Correo Semanal*, 30 de noviembre, p. 7.
- 2002 f “Un guaraní reportero de guerra”, in: Bartomeu MELIÀ (ed.) *Historia inacabada, futuro incierto. VIII Jornadas Internacionales sobre las Misiones jesuíticas. Encarnación: 28 al 30 de setiembre de 2000*. Asunción: CEPAG: 217-222.
- 2002 g MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Vocabulario de la lengua guaraní, 1640*. Transcripción y transliteración por Antonio Caballos. Introducción por Bartomeu Melià. Asunción: CEPAG. xxxii + 408 pp.
- 2002 i “Diversidade cultural e educação intercultural”, *Tellus*, ano 2, n. 3.
- 2002 j Bartomeu MELIÀ (ed.) *Historia inacabada, futuro incierto. VIII Jornadas Internacionales sobre las Misiones jesuíticas. Encarnación: 28 al 30 de setiembre de 2000*. Asunción: CEPAG. 612p.
- 2002 k “Versión castellana y notas del texto guaraní del Manual de Loreto 1721”. In Luís Palomera Serreinat, SJ, *Un ritual bilingüe en las Reducciones del Paraguay: el Manual de Loreto (1721)*. Cochabamba: Ed. Verbo Divino/Univ. Católica Boliviana/Compañía de Jesús, Prov. de Bolivia. 354p.: 240-323.
- 2003 a Antonio GUASCH. Nueva edición por Bartomeu MELIÀ. *Diccionario básico: guaraní-castellano; castellano-guaraní*. Asunción: CEPAG. 368p.

- 2003 b *La lengua guaraní en el Paraguay colonial*, que contiene *La creación de un lenguaje cristiano en las Reducciones de los Guaraníes en el Paraguay*. Asunción: CEPAG. 400p.
- 2003 c *El primer Sínodo del Paraguay Río de la Plata en Asunción en el año de 1603*. Edición facsimilar y notas de Bartomeu Melià, s.j. Asunción, Centro de Estudios Paraguayos "Antonio Guasch"; Missionsprokur de la Compañía de Jesús. 92p.
- 2003 d "Elogio del monolingüismo guaraní", In Line BAREIRO (comp.) *Discriminaciones y medidas antidiscriminatorias; Debate teórico paraguayo y legislación comparada*. Derechos Humanos; documentos de trabajo 4. Asunción, CDE/Hon. Cámara de Senadores/UNFPA: 37-46.
- 2003 e "Situation et actions dans le domaine des langues minoritaires ou en voie de disparation", In: UNESCO. *Déclaration universelle de l'Unesco sur la diversité culturelle*; commentaires et propositions. Série Diversité culturelle N° 2. Paris: 37-42.
- 2003 k "Catecismo en guaraní de fray Luis Bolaños", In: *V Centenario del Primer Sínodo de Asunción de 1603*. Asunción: Arzobispado de Asunción/Universidad Católica: 37-45.
- 2003 n "Los Guaraníes: lo que todavía nos dicen", *Última Hora; Correo Semanal*, 11-12 enero: 4-5.
- 2003 q "Política lingüística en el Paraguay", *Última Hora; Correo Semanal*, 22-23 noviem: 4-5.
- 2003 r "Para la normalización de la lengua guaraní", *Última Hora; Correo Semanal*, 20-21 diciembre: 4-5.
- 2004 a y Dominique TEMPLE. *El don, la venganza y otras formas de economía guaraní*. Asunción: CEPAG. 270p.
- 2004 b *Guaraní: ñeẽ paraguái. Gramática pedagógica para hablantes de guaraní*. Asunción: CEPAG/Fe y Alegría. 134p.
- 2004 c "Vitalidad y dolencias de la lengua guaraní". (Versão em castellano y em catalão), in: LLUIS i VIDAL-FOLCH, Ariadna / PALACIOS, Azucena (edit.). *Lenguas vivas en América Latina*. Madrid: Universidad Autónoma. p. 269-282.
- 2004 e "El guaraní de la casa a la escuela; ida y vuelta", *Última Hora; Correo Semanal*, 31 enero/1 febrero: 4-5.